



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

12104 - Resumo Expandido - Trabalho - 15a Reunião da ANPEd – Sudeste (2022)

ISSN: 2595-7945

GT 13 - Educação Fundamental

Vozes docentes sobre a relação professor-aluno no ensino remoto emergencial

Valdete - UFOP - UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO

Celia Maria Fernandes Nunes - UFOP - UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO

VOZES DOCENTES: A RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO NO ENSINO REMOTO EMERGENCIAL

A relação professor-aluno constitui-se como um aspecto importante da profissão docente e do processo de ensino e aprendizagem. Nesse trabalho, apresentamos resultados parciais de uma pesquisa de doutorado em Educação, ainda em andamento, que tem investigado a relação entre professores e alunos no ensino fundamental I durante o ensino remoto emergencial (ERE) ocorrido em decorrência da pandemia de covid-19.

Com o intuito de analisar as percepções das professoras sobre a sua relação com os alunos no ERE, os procedimentos metodológicos adotados compreendem a realização de levantamento bibliográfico, entrevistas narrativas e rodas de conversa com 15 docentes de 3 escolas de ensino fundamental I (uma escola municipal, uma estadual e uma particular) situadas na cidade de Mariana – MG. Nessa comunicação, apresentamos um recorte da pesquisa a partir das entrevistas realizadas com três participantes.

Entre os termos mais utilizados pelas professoras participantes da pesquisa para definirem a relação professor-aluno no ERE, destacaram-se as palavras “*difícil*” e “*desafiador*”. Relataram ainda que, a despeito de todas as dificuldades, deram continuidade ao ensino dos conteúdos e, especialmente, à manutenção dos vínculos com os alunos, conforme demonstra a narrativa da profa. Helena:

e, aí, esses que participavam, através dessa participação, a gente conseguia ver quais eram as dificuldades que eles estavam tendo, como que era... Quem que estava acompanhando os alunos no momento das aulas ou até mesmo nas atividades, sanar alguma dúvida, mas a gente nem focava tanto em conteúdo, nesse momento, não. Era tão bom ver o rostinho deles ali,

conversar, ouvi-los! A gente ficava ansioso por esse momento mesmo de ver. A maioria participava e queria falar mesmo, contar o que tava passando e se sentiu à vontade de abrir mesmo as câmeras, né, de participar, de mostrar o rostinho e tudo (Profa. Helena).

No entanto, segundo as professoras Mônica e Flávia, as interações que ocorriam no contexto do ERE *não eram espontâneas e estavam muito condicionadas pelo formato das aulas remotas e pela presença das famílias*:

Nessa questão aí, fica muito a desejar a questão da interação, porque eu vejo que muita coisa é condicionada, sabe? Eles não são muito espontâneos ali, você não consegue pegar tudo, né? Você vê as crianças, eles estão sentadinhos ali, você não sabe o que tá acontecendo ali, ao redor. É ele ali sentadinho, você não consegue ouvir a criança, aquilo que ela quer falar. Às vezes, ele fala, mas não fala tudo; às vezes, a mãe fala por ele; é umas coisas assim que atrapalha a interação do professor e do aluno, né? (Profa. Mônica).

Quando você conhece alguém de longe, você sabe tudo da vida dele, você conhece a mãe, conhece o pai, você conhece a vida dele, a babá, o que ele come no café e tal, parece que você cria um personagem na sua cabeça, né? Eu criei alguns personagens na minha cabeça de que meus alunos eram aquilo que eu tava imaginando (...) Acho que fui eu que idealizei que o aluno era aquilo, porque foi a minha interpretação daquilo que eu tava assistindo, foi o que eu assisti pelas telas (Profa. Flávia).

Além das mudanças ocorridas nas relações, em função do ERE, outro ponto destacado pelas docentes diz respeito à *dificuldade de acompanhamento de aprendizado* dos alunos pelo fato de não perceberem um retorno mais efetivo por parte deles:

Não poder ver o caderno dos alunos, não poder ver se eles estavam realmente entendendo o que eu estou falando ou se a pessoa que tava ali, dando suporte, tava facilitando muito pra eles, então, **era como se eu estivesse dando aula no escuro, sabe?** (grifo nosso). Então, a minha dificuldade maior foi essa. Eu estou dando aula, eu estou aqui passando conteúdo, eu estou cumprindo com meu planejamento, mas o retorno dos alunos foi algo que eu só fui perceber, de verdade, quando voltou, em setembro, as aulas presenciais... (Profa. Flávia).

As condições em que ERE foi efetivado demonstram a ausência de sentido político e pedagógico das atividades escolares, como demonstram Saviani e Galvão (2021) e Ferreira e Barbosa (2020). A narrativa da prof. Helena corrobora essa assertiva e denota que o propósito do envio das atividades por parte das escolas pode ter sido a ocupação do tempo, tanto dos alunos quanto dos professores:

os meninos tinham um tempo muito curto pra poder fazer as atividades. Tinha vez deles estarem com um caderno do município e um caderno do Estado, fazendo, simultaneamente, muitas atividades e não deu pra focar bem em um trabalho que eu acho que [seria] mais eficaz, não. E essas atividades que a gente elaborava não tinha muito retorno também, não. Eu acho que eu cheguei a ver uma que eu fiz num caderno deles... A gente também nem recebia, às vezes, esse material. Os alunos recebiam primeiro do que o professor. A gente não tinha nenhum tempo pra analisar esse material para poder fazer esse planejamento, né? E aí, foi isso (Profa.

Helena).

As narrativas demonstram que o ERE repercutiu sobre a relação professor-aluno e sobre o aprendizado. Segundo Saviani e Galvão (2021) as relações foram afetadas não apenas porque houve um distanciamento entre os participantes de uma atividade síncrona condicionada a aspectos tecnológicos, mas também porque se limitaram as possibilidades de realização do trabalho pedagógico alinhado ao aprofundamento dos conteúdos de ensino. Ainda de acordo com estes autores, no ERE, as aulas não comportaram diferentes formatos de abordagem onde professores e alunos tivessem os mesmos espaços, tempos e compartilhamentos do ensino presencial. Ferreira e Barbosa (2020) acrescentam que no modelo do ERE, os alunos assumem o papel de coadjuvantes no processo educativo, que passa então a ser protagonizado pelos pais. São eles que recebem as orientações dos professores acerca das atividades escolares e é a eles que são feitas as devolutivas.

A análise inicial das narrativas das professoras participantes da pesquisa revela que a relação professor-aluno esteve condicionada ao acesso e domínio das TICs (tecnologias da informação e da comunicação) e a relação família e escola. Diferentemente do ensino presencial, em que a relação professor-aluno ocorre de modo imediato e direto entre esses sujeitos no âmbito do espaço escolar, no ERE, constitui-se como uma relação intermediada pelos fatores supracitados. Assim, para chegar aos alunos, os professores dependeram tanto das TICs quanto das famílias.

A necessidade de isolamento social no contexto pandêmico impôs aos professores a necessidade de respostas imediatas, urgentes, sem o devido planejamento ou reflexão, em que se recorreu à utilização indiscriminada das TICs. Dessa forma, foi possível manter “certa continuidade educativa” e, ao mesmo tempo, preservar a saúde pública. No entanto, segundo Nóvoa e Alvim (2021), esse não pode ser o modelo escolar do futuro. Nesse sentido, essa pesquisa vem trazer luz para a temática da relação professor-aluno no ERE a partir das vozes dos professores.

Palavras-chave: Relação professor-aluno. Ensino Fundamental I. Ensino Remoto Emergencial.

REFERÊNCIAS

FERREIRA, Luciana Haddad; BARBOSA, ANDREZA. **Lições de quarentena:** limites e possibilidades da atuação docente em época de isolamento social. *Práxis Educativa*, Ponta Grossa, v. 15, e2015483, p. 1-24, 2020.

NÓVOA, Antônio; ALVIM, Yara Cristina. Os professores depois da pandemia. *Educ. Soc.*, Campinas, v. 42, p. 1-16, 2021.

SAVIANI, Dermeval; GALVÃO, Ana Carolina. Educação na pandemia: a falácia do ensino remoto. In: *Pandemia da COVID-19: trabalho e saúde docente. Revista Universidade e Sociedade*, ano XXXI, n. 67, p. 36-49, jan./2021.